

JOSÉ
MARIA
BRAGA

**A MENTIRA
DO AMOR
PERFEITO**

bom  sucesso

1

- São Paulo -

No início de 1993, enquanto o Brasil procurava se adaptar ao primeiro *impeachment* de um presidente da República, Helena trabalhava um número interminável de horas. Dividia seu tempo entre aeroportos, processos e a supervisão de outros advogados. Às terças e quintas embarcava em aviões para Brasília, Porto Alegre ou Rio de Janeiro. Onde quer que estivesse, gostava de uma vida organizada, planejada e sob controle. Havia pouco mais de seis meses, assumira o departamento eleitoral e estava pronta para coordenar a participação do escritório na campanha presidencial, que aconteceria dali a um ano e alguns meses, em outubro de 1994.

Na segunda-feira — a última de janeiro — entrou em casa depois de um dia cansativo, e o que mais desejava era tirar os sapatos, pisar o chão frio e entregar-se a um banho demorado e relaxante. Colocou o casaco no sofá, a bolsa sobre a mesa e deixou os sapatos na área de serviço. Na cozinha, lavou as mãos, tomou água, apanhou uma maçã, apagou a luz e foi para o quarto. Diante do espelho, prendeu o cabelo em um rabo de cavalo, umedeceu um pedaço de algodão e iniciou a limpeza do rosto. Pretendia, após o banho, telefonar para o pai — não falara com ele durante todo o dia — e pegar um livro até cair no sono. Procurava manter o hábito de ter sempre um livro à mão, às vezes mais de um. Estava determinada a retomar a leitura de poesias, embora reconhecesse ter certa dificuldade na compreensão dos grandes poetas. Apanhava das sutilezas, das palavras de ourives, das intenções veladas, de ritmos e pausas que muitas vezes lhe escapavam. Acreditava, entretanto, que o caminho era insistir, reler, pesquisar sobre os autores, aprender a admirá-los, conversar com leitores mais afiados que ela.

Existiriam esses leitores de poesia? Sim, sempre existiram, e talvez bem perto, no edifício do escritório. Lá, funcionava uma grande editora, casa de autores consagrados, nomes reverenciados pela crítica e também por uma legião de leitores. Não raro dividia o

elevador com os profissionais da empresa: editores, tradutores, revisores, escritores, agentes literários; difícil saber. Durante a semana, após o trabalho, enquanto esperava o trânsito ficar menos caótico, tinha por hábito entrar na grande livraria em frente ao escritório e andar sem pressa, observando as prateleiras, tocando a lombada dos livros, sentindo-se parte do silêncio e da cumplicidade que parecia haver entre leitores.

Voltou à sala, após o banho, vestindo um pijama de seda azul-escuro. Fora um dia abafado, a noite continuava quente. Ligou o ar-condicionado e foi ouvir as mensagens gravadas na secretária eletrônica. Havia recados da mãe e de amigas, convites para almoços e cinema. “O de sempre”, pensou. Entretanto, uma última gravação soou estranha. Ouviu a mensagem, distraída; provavelmente brincadeira de algum conhecido, concluiu.

O grande espelho sobre o aparador, emoldurado por uma madeira rústica, refletia toda a sala do pequeno apartamento, inclusive o rosto de Helena, agora sério e apreensivo. Ela olhou pensativa para si mesma; e num gesto automático soltou e prendeu os cabelos e suspirou, indecisa. Foi tomada por uma mistura de preguiça, desânimo e cansaço. Ficou parada, quieta, como se ganhasse tempo, como se buscasse alguma alternativa. O que menos queria naquele momento de

sua vida era ouvir aquela voz, ver aquele homem, ou saber qualquer coisa a respeito dele; a mera lembrança da sua figura a deixava incomodada. Não falava com ele havia meses; havia tempos desistira de responder suas tentativas de contato.

Impelida pela dúvida, ouviu de novo. Teve que ouvir mais uma, duas vezes para ter certeza de que compreendera o sentido exato da frase.

“Sou HIV positivo.”

— Meu Deus! — disse, incrédula. — Que tragédia!

Não o queria mais em sua vida, mas nem ao pior inimigo desejaria uma desgraça como aquela. O que teria acontecido? Algum acidente, uma transfusão de sangue? Quando será que descobriu?

Foi aí, diante da pergunta, que voltou-se para si mesma. Sentiu um desconforto, um abalo, uma leve queda de pressão, a visão ficou turva. Tentou manter a calma e pensar. Sentiu a respiração encurtar o compasso, o coração acelerar. Em vão, tentava ordenar os pensamentos. A primeira coisa que fez foi sentar-se, apoiar os cotovelos sobre a mesa, fechar os olhos e apertar o rosto entre as mãos. Em situações difíceis, procurava ganhar tempo, respirar e não agir empurrada pelo primeiro impulso.

Então, pegou o telefone e ligou. Insistiu, insistiu, e nada. “Calma, calma, fique calma!”, resmungou.

Andou pelo apartamento, entrou no quarto, jogou-se na cama. Estirou-se, abriu braços e pernas, como se o corpo precisasse de mais espaço, de novos horizontes, da esperança de que aquilo não passasse de um engano, de uma brincadeira de mau gosto.

Foi até a varanda, olhou a rua, respirando lenta e profundamente. Não queria perder o controle, precisava ficar lúcida, ter a cabeça no lugar. Definitivamente, não sabia o que fazer. Telefonou mais uma vez, nada. Pensou em falar com a irmã, mas desistiu.

Uma frase, nada mais. Foi dominada por sentimentos confusos, não sabia se de medo, susto, pavor, raiva, ódio ou pânico. O mal-estar aumentava, o estômago revirava; ela correu para o banheiro e vomitou. A cabeça ameaçava explodir, os olhos doíam como se comprimidos por dedos gigantes. Sentiu que ia desmaiar, tentava desesperadamente manter os olhos abertos. Entregou-se a um choro convulsivo, a um grito forte e sentido capaz de rasgá-la por dentro. O cérebro solto, ferido, chocava-se contra as paredes do crânio.

Ainda soluçava quando a madrugada chegou. Foi novamente para debaixo do chuveiro. Jogou o pescoço para trás e ofereceu a testa para que o jorro de água gelada caísse farto e amenizasse o calor na cabeça, que parecia ter dobrado de tamanho. O corpo ardia por dentro. Decidiu fixar o olhar em um ponto indeterminado,

muito além daquele cômodo, muito além dos filetes de água que desciam velozes à sua frente. Apanhou a toalha e a pressionou contra o rosto com toda a força que conseguiu, como se quisesse reter o que ainda restasse de lucidez.

A partir daí, concentrou-se nos gestos habituais: enxugou-se e foi para o quarto enrolada na toalha; antes, pegou um copo com água e apagou todas as luzes do apartamento. Dobrou a dose do remédio que costumava tomar nas noites de insônia.

Mais duas semanas, e ela completaria 32 anos.